

Temos em Augusto dos Anjos um homem de pensamento e um homem de sentimentos, um poeta que amaldiçoa a natureza e um crente que se obstina na descrença. Não admite o sobrenatural, mas tortura-se em busca do Eterno. A natureza para êle é uma madrasta, e no entanto a humanidade vive dentro dela desde que o mundo é mundo. Só êle não encontra um lugar seguro, uma paz duradoura. Vive solitário a gemer sua dor. Falta-lhe a tranquilidade interior, porque essa felicidade lhe foi roubada desde que derrubaram a Árvore da Serra, a cuja sombra usufruíra numa hora séculos de afagos.

As dúvidas do seu espírito estão manifestadas nas inflexões mentais de que anda cheia a sua obra. Nunca teve escrúpulos de proclamá-las. O mundo está povoado de seres estranhos e entre êsses seres estranhos sente-se um desamparado.

Um exemplo bem frisante dêsse estado d'alma, perseguido de alucinações, conturbado pelo medo, pela angústia, por tôda sorte de recordações macabras, colhe-se no poema *Tristeza de Um Quarto-Minguante*, em que descreve as agônias de uma noite passada em claro, no engenho Pau d'Arco.

Não vou repetir o poema, mas quero sublinhar aqui, muito de passagem, a perspectiva do poema, no que se relaciona com o drama do amor.

O engenho Pau d'Arco é muito triste, frisa o poeta, o mais triste de todos os engenhos da várzea do Paraíba. Devia ser sòmente para êle, porque já estive lá uma vez, aí por volta de 1935, e confesso que não vi nada de tão sombrio. Tudo quanto circundava a casa grande, já em ruínas, apresentava um aspecto de abandono. O engenho de fogo morto, a capela sem os santos, e como um emblema verde, pejado de reminiscências, o velho Tamarindo.

A única tristeza que me confrangia a alma era ver o quadro de coisas mortas, os maus tratos da casa grande, do engenho enorme, da capela, de tôdas as benfeitorias, não escapando sequer dessa desolação o memorável Tamarindo, a cuja sombra os animais de carga comiam a sua ração. O que fôra o engenho Pau d'Arco estava reduzido a terras de usina. Em vez de frutos no pomar e flôres no jardim, os musgos nas paredes carcomidas e a cana plantada até perto do terreiro da casa grande.

No tempo de Augusto, devia ser outro o panorama, possivelmente risonho e florido. Mas o poeta tinha razão para achar tudo aquilo sem nenhuma poesia. Ali revivia um drama que o fizera triste para todo o sempre. Ali estava sepul-